

RESSIGNIFICANDO O PATRIMÔNIO

Uma alternativa para a fábrica de tecidos Renaux de Brusque



Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho de Conclusão de Curso
Graduanda Monique Vale Szpoganicz
Orientadora Karine Daufenbach

Fevereiro 2019

01.	MOTIVAÇÃO	05
02.	CONCEITO	06
03.	HISTÓRICO	12
04.	A FÁBRICA	18

05.	PROPOSTA	28
06.	O ESPAÇO URBANO	37
07.	PATRIMÔNIO EDIFICADO	44
07.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	00



MOTIVAÇÃO

Quando transitava pela avenida Primeiro de Maio em minha cidade, Brusque, Santa Catarina, a imponência da Fábrica de Tecidos Carlos Renaux era algo que me chamava a atenção. Desde o ano de 2013 a fábrica decretou falência e eu assisti seu espaço físico ser entregue aos efeitos do tempo e da degradação. Sempre imaginei o que poderia vir a ser esse espaço já que seu uso original não lhe servia mais, e dessa curiosidade nasceu o tema para esse trabalho de conclusão de curso.

Desde o primeiro pensamento de "o que fazer com esse galpão abandonado", muitos termos acabaram surgindo como resposta, como a reconversão de patrimônios, a arqueologia industrial e também a crescente preocupação com a sustentabilidade na construção civil serviram de fundamento.

Em busca de uma melhor compreensão sobre o tema e de forma a preservar a integridade da memória acima de qualquer inserção, estudei a história não só da fábrica mas também da cidade em que está inserida e entendi que uma é diretamente influência da outra. Logo, repensar esse parque fabril não seria só uma ânsia pessoal, mas também uma maneira de manter viva a memória da população brusquense.

A cidade complexa, aquela que mantém sua história preservada ao mesmo passo em que investe em seu futuro, é o foco em que este trabalho embasa, buscando criar uma mentalidade voltada à preservação, e mostrando maneiras de se lidar com esse legado arquitetônico. Esses objetos de memória, sejam eles casarões, igrejas, sedes governamentais ou, como enfocarei aqui, fábricas, muitas vezes são relegados a usos museais ou estáticos de pura preservação, quando encontrar-lhes emprego viria talvez como uma resposta à sua inserção na dinâmica urbana atual.

A fábrica de tecidos Carlos Renaux é apenas um caso em uma cidade em que as fábricas por vezes centenárias deixaram de se tornar parte atuante da economia e que o espaço físico tem tamanha proporção que sua demolição seria insustentável. O trabalho que começou como uma vontade de desconstruir pensamentos daqueles que acreditam que a solução é a demolição, acabou por tornar-se um exemplo de como esse pensamento poderia ser empregado. Dando à uma fábrica uma diretriz e inserções, sejam elas arquitetônicas ou intencionais, de forma a torná-la presente no cotidiano da cidade e não somente uma observadora passiva.

CONCEITO

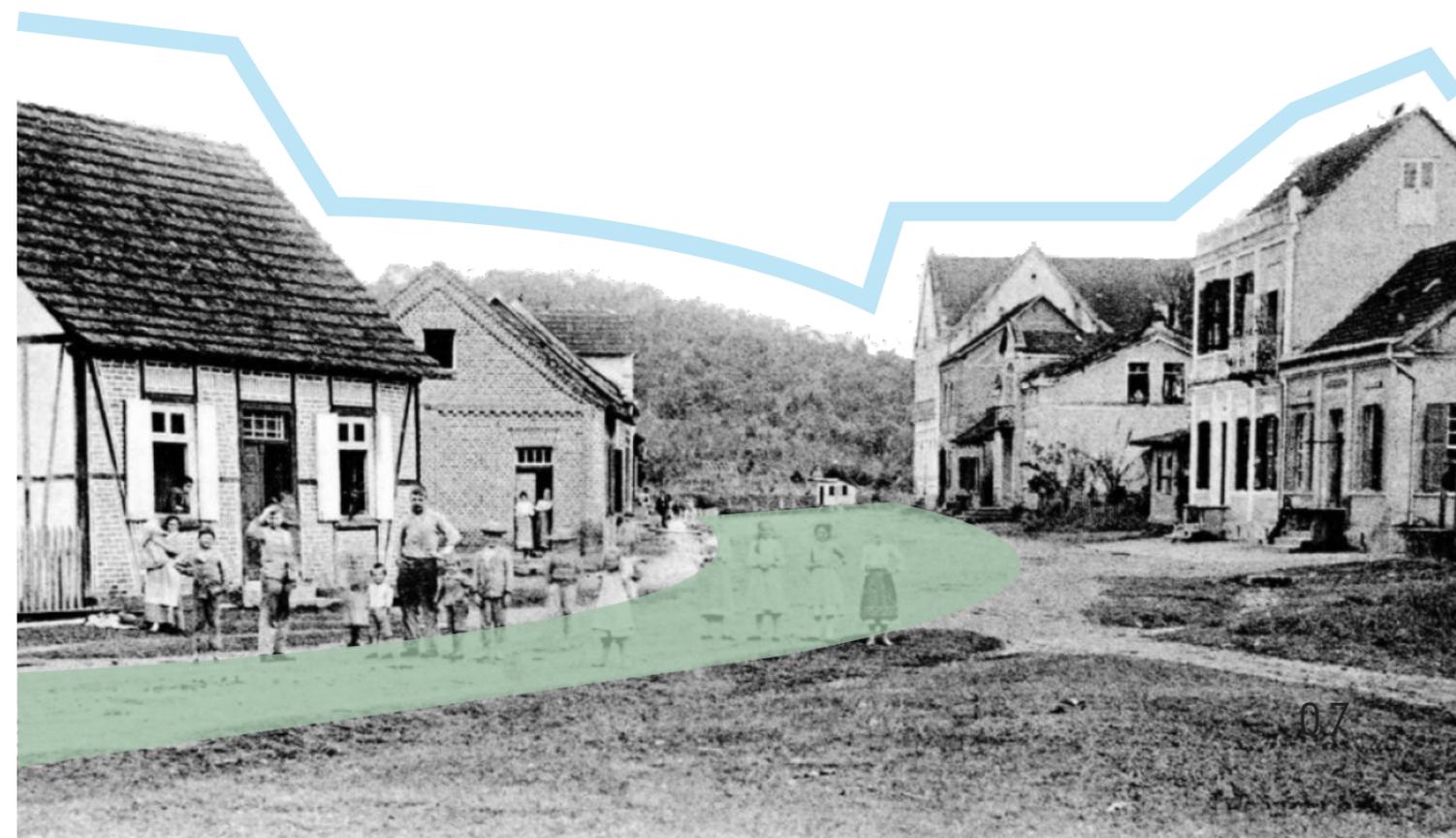
Quando analisamos o desenho das cidades, este geralmente se dá ressaltando o fator fundacional, seja ele um rio, uma igreja, uma prefeitura ou quem sabe, uma fábrica. A partir disso as ruas e os terrenos se dividem delineando sua primeira conformação. Ao longo do tempo, a cidade se molda e cresce conforme as novas necessidades, porém, aquele ponto - ou pontos - identitário permanece, mostrando sempre onde tudo começou. Ou é como deveria ser mas que as vezes se perde em detrimento do novo.

As arquiteturas demonstram períodos vividos pelos lugares, seja de usos, de tipos arquitetônicos, de dinâmicas de cidade, mas que por deixarem de servir aos seus usos iniciais por vezes acabam sendo sucateadas ou demolidas. Contudo, desde o século 18 essa preocupação em cuidar dos bens edificados começou a tomar uma proporção mais formal. Até o ano de 1789 - ano do primeiro ato jurídico que trazia a noção do termo patrimônio - as preservações se limitavam aos exemplares ou milenares, porém sem nenhum órgão ou lei que o validasse e também sem nenhum critério específico. Foi então a partir de 1960 que ampliou-se a noção de patrimônio e difundiu-se o conceito de que não só os excepcionais são dignos de preservação. O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), órgão regulamentador criado em 1937, definiu o patrimônio como:

"O conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico".

Porém, apesar de nos dias atuais haver esta entidade que, em tese, diz quais os bens a serem preservados, a memória da população que a reconhece como parte de sua identidade é mais efetiva do que qualquer lei poderia prever.

A memória tem diversos significados conforme o campo de conhecimento, mas é sintetizado no ato de rememorar um fato passado seja por nostalgia ou por aprendizado. Na arquitetura, focando no campo de estudo trabalhado, é a memória vivida das cidades traduzida em edificações. Diversos exemplos podem ser citados em que a arquitetura vem como aprendizado, seja ele de um período cruel que não deve ser repetido como o caso de Auschwitz, ou em casos mais cotidianos como no Sesc Pompeia, em São Paulo, em que os trabalhadores da antiga fábrica de tambores conseguem reviver momentos de trabalho em um novo espaço de convivência.



Quando se abre a discussão sobre preservação, são três as principais extensões analisadas: tipológica, cronológica e geográfica. A primeira se atém ao objeto arquitetônico, sua conformação e sua materialidade e como isso afeta a si e ao seu entorno. A questão cronológica diz respeito à época em que a edificação foi concebida e ao marco que foi para a história desde então, além, claro, de sua longevidade. A última extensão, a geográfica, aborda principalmente seu contexto, a localidade em que está inserida e esta parte para uma complexidade maior que uma edificação isoladamente.

Apesar de esses três campos analisarem a construção de uma forma mais técnica, a memória que esta traz imbuída é por vezes mais efetiva na preservação do que uma lei. Entretanto, como afirma Françoise Choay em seu livro *Alegoria do Patrimônio*, "a preservação dos monumentos antigos é antes de tudo uma mentalidade" (CHOAY, 2006), ou seja, reconhecer seu valor e admitir ser digno de ser perpetuado é algo que quando imposto não tem o mesmo efeito do que aquele identificado como tal. Não só a arquitetura mas também os costumes e crenças de um povo criam a chamada memória coletiva, ou seja, a memória de um determinado grupo e uma cidade nada mais é do que a costura dessas memórias.

Em seu livro *Design Para Um Mundo Complexo*, Rafael Cardoso afirma que a memória sempre é filtrada, quer dizer, "cada um extrai do passado aquilo que considera importante, ou relevante, e o assimila àquilo que considera ser sua identidade no presente" (CARDOSO, 2016), e ainda, quando define identidade o autor traz "eu sou o que sou, porque fui o que fui" (CARDOSO, 2016). Quando comparamos as opiniões de Cardoso com a noção de que a cidade é a costura de memórias, vemos que a cidade é conformada por esse filtrado, onde as edificações dignas de serem mantidas em seu presente são aquelas que possuem um significado para sua história e também, para sua identidade atual.

Entretanto chegamos ao entrave, como propagar a mentalidade da preservação em um contexto de mundo globalizado, no qual a especulação imobiliária dita o mercado, desrespeitando as leis do patrimônio histórico? A cidade complexa é cada vez mais e mais deixada de lado em troca de um ideário de avanço que faz com que o indivíduo deixe de enxergar sua trajetória, tornando as cidades cada vez mais espetacularizadas e menos ricas de memória.

O presente trabalho busca uma resposta a essa cidade globalizada no âmbito do patrimônio arquitetônico sem negar que esta também

é necessária, ele se provém da simbiose entre a memória e o moderno. Para que o novo se aproprie do antigo, utilizando-se deste como impulsionador do seu novo uso.

"Dito desse modo, a cidade constitui cenário complexo e por isso mesmo, rico de possibilidades. Por um lado a sociedade modifica-se, novos fins surgem, novas necessidades aparecem, os costumes e hábitos transformam-se. Por outro lado, há todo um conhecimento acumulado e experiências vividas materializadas no conjunto dos edifícios, dos espaços; são memórias da cidade". (DALMOLIN, 2015)

A reconversão de patrimônio vem como uma possível solução para a discussão, como Viollet-le-Duc, arquiteto francês do século XIX, defendia "o melhor meio de conservar um edifício é o de lhe encontrar um emprego" (CHOAY, 2006), ou seja, beneficiar-se simbolicamente de seu status patrimonial sem subordinar-se à ele. Empregar nesses edifícios usos que não sejam subtraídos à museus ou objetos de apreciação estática, mas sim usos integrados ao cotidiano e à vida econômica de onde estão inseridos.

Quando se fala sobre intervir em patrimônios deve haver o cuidado com o objeto, a professora Beatriz Mugayar Kuhl traduz na seguinte frase:

"É ato de respeito pelo passado, interpretado no presente e voltado para o futuro, para que os bens culturais possam continuar a ser efetivos e fidedignos suportes da memória coletiva." (KUHLL, 2006).

O que se pretende dizer com a frase é que qualquer intervenção deve ser demarcada, qualquer modificação deve mostrar a época em que foi feita e não querer ser parte de um restauro ou de uma inserção anacrônica, de modo que sempre se saiba o que é antigo e o que é sua reconversão. Dentre os inúmeros bons exemplos que vemos atualmente de edificações antigas que se propõem a novos usos encontramos desde famosos como o caso do Conjunto KKKK no estado de São Paulo, até aqueles em que a inserção foi espontânea e orgânica como a antiga estação de trem RAW em Berlim que atualmente abriga os mais variados usos da "subcultura". Ambos os projetos trazem uma releitura para esses espaços de uma forma que contradiz seu uso inicial, porém beneficiando-se de suas estruturas existentes e não tentando alterá-las para servir ao novo uso.

A reconversão, isto é, o ato de alterar uma estrutura pré-existente com o intuito de adaptá-la ao seu novo programa, vem sendo adotado em muitos edifícios, tombados ou não, de forma

a

responder à indagação sobre como enfrentar a crescente especulação do mercado imobiliário.

Em Londres, uma antiga fábrica de sapatos do bairro Hackney abriga atualmente uma pluralidade de usos. Uma pequena fábrica divide corredor com uma moradia e ambas convivem em harmonia em duas das inúmeras divisões que a enorme fábrica permite. O local que poderia ser subjugado à mais uma fábrica abandonada foi resignificado e transformado nesse espaço multi usos. As fábricas são talvez um dos casos mais problemáticos de reutilização visto seu tamanho e o crescente número de indústrias sendo sucateadas. Encontrar emprego para as edificações obsoletas em razão de reaproveitá-las é uma forma mais sustentável de encarar a modernidade.

A arqueologia industrial e o patrimônio industrial são campos de estudo voltados principalmente à essas massas edificadas deixadas por antigas fábricas. Esses parques fabris são, na maioria das vezes, entraves dentro das cidades, visto sua proporção, quantidade de matéria e incapacidade de se imaginar usos que lhes fariam jus. A constante modernização dos meios de produção faz com que o aumento de indústrias sucateadas seja gradativo e por consequência sua problemática também.

As grandes indústrias foram originadas em uma época em que as fábricas vieram para substituir a manufatura e, com isso, gerar a industrialização de cada lugar. Esta deu-se em diferentes tempos e de diferentes formas em cada país, entretanto uma visível mudança na dinâmica das cidades é percebida após a inserção das indústrias. Com o advento do pré-fabricado, muitos tipos construtivos foram exportados; logo, as arquiteturas viram em si novas fases: novos materiais, novas técnicas e os mais variados tipos arquitetônicos foram inseridos em cidades que nunca os haviam visto. Grandiosas construções de alvenaria de tijolos, ferro e mais recentemente de concreto armado se posicionam nas cidades para abrigar essa nova atividade criando centralidades, vias e novos fluxos mesmo naquelas mais consolidadas. Logo, apagar esse bem patrimonial seria tirar dessas cidades a memória do princípio dessa dinâmica.

Na região em que iremos discutir mais a frente nesse trabalho, o Vale do Itajaí, vemos um tipo de colonização de exploração, na qual os exploradores que chegavam pelo mar e adentravam seus rios formavam pequenas colônias de onde retiravam madeira e outros elementos de interesse. Após a fase inicial de exploração, algumas famílias estabeleceram-se na região recebendo

uma porção de terra para cultivar a agricultura, mas em alguns locais essa atividade não era suficiente para a economia, tornando a indústria o real impulsionador de seu crescimento.

As indústrias alcançaram seu auge na região no final do século XIX e início do século XX, quando os "senhores de indústria" incitaram ali os mais diversos investimentos. As indústrias têxteis dominaram Brusque e Blumenau e a metalúrgica em Joinville, por exemplo, durante muitos anos perpetuaram e direcionaram o crescimento das mesmas. Entretanto, a modernização e o avanço nas importações desvalorizaram muito o produto nacional até o ponto que este não se tornou mais competitivo, levando cada vez mais essas indústrias à falência.

Um exemplo seria no ano de 2011, a crise do algodão levou empresas como a fábrica de tecidos Carlos Renaux e a indústria de tecidos Schlösser a endividarem-se e, sem conseguirem se recuperar, a decretar auto-falência. Ambas as empresas situadas na cidade de Brusque deixaram para trás parques fabris que contavam com galpões, chaminés, casarões e escritórios de enorme qualidade arquitetônica e construtiva mas que foram entregues aos efeitos do tempo perdendo seu esplendor e muito de seu valor memorial.

Com o aumento dessa paisagem de abandono viu-se a necessidade de investir no campo do patrimônio industrial de modo a preservar o que é digno de preservação. Além disso, repensar essa reutilização de forma sustentável, visto que sua demolição gera além do custo, uma sobra de materiais inviável para o meio ambiente. A reciclagem, ou reconversão, utiliza dessas construções aparentemente sóbrias e sem vida, mas que são facilmente adaptáveis às novas normas e novos usos. Logo, essas edificações que na teoria já teriam cumprido seu ciclo evolutivo deixam de ser apenas testemunhas invisíveis para fazer parte de um novo cotidiano. Há uma inversão de funções: o lugar de trabalho se torna lugar de memória.

Essa preocupação com o legado industrial foi impulsionada nos anos 1960 pela destruição de edifícios significativos em Londres - berço da Revolução Industrial, que fez com que o campo da arqueologia industrial, ou seja a pesquisa relacionada à preservação industrial, fosse difundido. A pesquisa não se baseia somente no legado físico, mas também na relação deixada por ele, as relações políticas, econômicas e culturais vinculadas. A partir disso, estuda-se também a forma de intervir nesse meio, visto que muito raramente ele é proposto a ser apenas um monumento estático. A restauração aqui é feita por meio de uma apreensão de seu passado histórico que é então reproduzida em seu uso futuro para que este mantenha o caráter de memória.

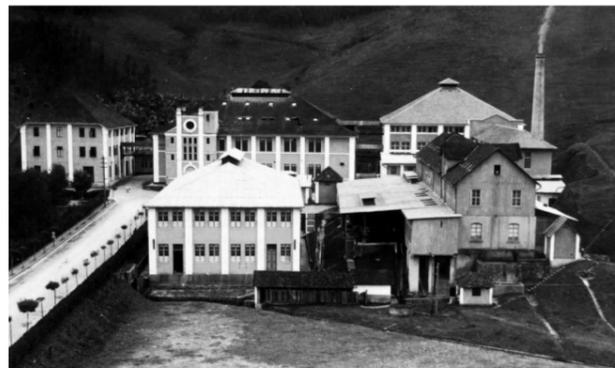
Propagar uma nova mentalidade acerca do patrimônio não só industrial, mas englobando também todas as outras edificações emblemáticas contidas na cidade, é uma maneira de perpetuar a cidade complexa e de preservar a memória coletiva. Ver de uma forma sustentável a reutilização desses patrimônios e inseri-los na dinâmica do século XXI é o que se propõe nesse trabalho de conclusão de curso. Através de um estudo de caso, a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, será empregado usos atuais preocupando-se sempre com deixar vivos os elementos memoriais principais.



HISTÓRICO

A CIDADE E A FÁBRICA

- 1860** Início da colonização do médio vale do rio Itajaí-Mirim.
- 1881** A colônia de Itajahí é instituída como município.
- 1892** 11 de março. Criada a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux.
- 1900** A Fábrica de tecidos começa fiação própria, dando à Brusque o título de "Berço da Fiação Catarinense".
- 1918** Empresa é transformada em sociedade anônima. Início da administração de Otto Renaux.
- 1945** Administração de Carlos Cid Renaux empresa atinge seu auge.
- 1997** Administração por parte dos herdeiros de Carlos Cid Renaux.
- 2013** 15 de julho. A fábrica encerra uma história centenária na cidade de Brusque.
- 2017** Luciano Hang compra os bens edificadas da Indústria Renaux e começa as obras para o CIR - Centro Industrial Renaux.



Fábrica de Tecidos Carlos Renaux por volta dos anos 30. Fonte: Brusque Memória.



A fábrica após a falência. Fonte: Brusque Memória.

A Fábrica de Tecidos Carlos Renaux, objeto de estudo deste trabalho, teve sua origem e desenvolvimento diretamente relacionados com o da cidade de Brusque, cidade na qual se localiza. Quando falamos sobre a história da fábrica seria impossível dissociá-la de suas origens geográficas, visto que tanto a cidade quanto a fábrica se deram em uma situação de mutualismo.

A atual cidade de Brusque, em Santa Catarina, foi colonizada a partir do ano 1860 quando um alemão chamado Barão de Schneeberg decidiu adentrar o rio Itajaí-Mirim e colonizar a região do médio vale. Em seus primórdios, a região foi batizada como Colônia de Itajahí e só no ano de 1881 que foi declarada como município e em 1890 que recebeu sua atual denominação.

A conformação geográfica da cidade começou seguindo o curso do rio e dividida em lotes paralelos como o sistema de sesmarias. As principais preocupações do primeiro administrador eram com criar uma ligação com o porto de Itajaí para escoar a produção, e outra com a capital.

Os primeiros imigrantes a assentarem na região eram alemães e praticavam principalmente a agricultura de subsistência. Aqueles poucos que conseguiam gerar excedentes se tornavam comerciantes, destacando-se quatro grandes vendas da época

KRIEGER, BUETTNER, BAUER E RENAUX

sendo que, como será dito posteriormente, estes se tornaram influenciadores da industrialização brusquense.

Alguns anos após a vinda de imigrantes alemães, os poloneses começaram a emigrar para a nova terra, entretanto, foram a eles relegadas apenas terras impróprias para o plantio. Confrontados com essa adversidade, os poloneses encontraram oportunidade para continuar sua tradição têxtil.

"Os "tecelões de Lodz", como são rememorados localmente os artesãos poloneses, foram os responsáveis pelo treinamento inicial da mão de obra em Brusque, orientada, até então, para o trabalho na lavoura". (RENAUX, 2010).

Os tecelões poloneses buscavam na cidade um comerciante detentor de crédito que importasse teares para que juntos comesçassem o comércio têxtil da região, logo deu-se a união:

TECELÕES DE LODZ
+ CARLOS RENAUX
FÁBRICA DE TECIDOS

Carlos Renaux, alemão nascido em Baden, emigrou para o Brasil em 1882, encontrando em Brusque seu assentamento final. Com o dote que recebeu de seu casamento abriu sua primeira venda localizada na atual Av. Cônsul Carlos Renaux, nomeada posteriormente em sua homenagem. Renaux ficava inicialmente atrás de vendeiros tradicionais da região, mas por empregar princípios comerciais até então desconhecidos, como a troca de mercadorias por dinheiro, conseguiu um crescimento significativo de seu negócio.

Cerca de 10 anos depois que Carlos Renaux emigrou para o Brasil já havia adquirido capital suficiente para, junto com os imigrantes poloneses anteriormente mencionados, abrir a primeira indústria têxtil da cidade de Brusque: a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux. Abrindo assim as portas para uma nova dinâmica econômica.

"(...) fundadores das primeiras fábricas do Vale do Itajaí. Foram eles que direcionaram a acumulação de capital previamente existente e oriunda da lavoura e do comércio para novos investimentos, representados, na região, pela indústria têxtil".

(RENAUX, 2010, p.95).

Em 11 de março de 1892 instala-se a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux. Empreendimento que começa nos fundos de sua venda, na rua principal, mas logo foi transferida para a antiga rua dos Pomeranos onde aproveitava uma fonte de água próxima para o movimento de suas turbinas. Como a fábrica nasceu em ano de recessão econômica e, também, de uma política que pouco ajudava aos novos industriais, demorou algum tempo até conseguir se estabelecer de forma estável no mercado.

Em 1900, Carlos Renaux decide abrir fiação própria para não ficar inteiramente dependente da importação de fios, iniciando assim a primeira instalada em Santa Catarina, a Fiação Carlos Renaux. Com isso, Brusque ganha fama notória de "Berço da Fiação Catarinense", título que carrega até hoje. No entanto, mesmo com todo o investimento e a liberação da importação do fio, a empresa ainda carecia de capital de giro para se estabelecer no mercado.

Segundo João Carlos Mosimann, após a chegada da energia elétrica em 1914 e com o fim da primeira guerra mundial, foi que a fábrica conseguiu impulso para a expansão e produção em larga escala. Porém, foi com a interrupção de importações causadas pela segunda guerra mundial que a fábrica conseguiu se sobressair e conquistar a fama mundial que veio a ter. Em seu auge, a fábrica, que então possuía também fiação

e beneficiamento, exportava para diversos outros países no mundo e dominava grande parte da produção nacional de tecidos.

Carlos Renaux, em sua condição de patrão, deu à fábrica diversas de suas características principais, dentre elas a criação de "Familienhaus", residências próximas à fábrica para abrigo daqueles trabalhadores que não possuíam terras próprias. Cercou a o parque fabril de jardins, hortas e pastos que geravam produtos mais tarde distribuídos aos operários mediante a cobrança de um preço mínimo, através da Cooperativa Brusquense.

Contudo, em 1918 viu-se a necessidade de transformar a empresa em uma sociedade anônima para evitar impostos de herança e, também, pela quantidade de herdeiros que desvalorizariam o patrimônio se recebessem partes iguais da propriedade. Este ano foi o marco da segunda etapa de administração da empresa, sendo presidida por Otto Renaux, filho de Carlos Renaux - o qual nesse período mudou-se para Europa tornando-se cônsul - e fazendo com que o antigo presidente fosse excluído de decisões posteriores. Essa mudança na administração foi conflituosa devido a diferença de pensamentos entre a nova e a antiga diretoria em respeito principalmente da criação de uma nova vertente da fábrica, a indústria Renaux. Com a saída do antigo presidente a indústria foi criada possibilitando a expansão em diferentes setores do ramo têxtil.

Após a presidência de Otto Renaux, existiu ainda um terceiro presidente Carlos Cid Renaux que levou a empresa ao seu auge, mas culminando em sua autofalência em 2013 através da administração de seus herdeiros. A fábrica fechou suas portas devido aos altos impostos e elevados custos trabalhistas, não conseguindo se manter competitiva com a abertura do mercado para os produtos importados. Então, em 15 de julho de 2013 a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux encerra uma história centenária na cidade de Brusque.



Prédios da fábrica Renaux, ano aproximado 1920.

Fonte: Brusque Memória



Foto da entrada principal da fábrica, ano aproximado 1930.

Fonte: Brusque Memória



Prédios da fábrica Renaux, 2017.

Fonte: Arquivo Pessoal.



Recentemente, após anos sob a administração da massa falida, as propriedades da antiga Fábrica de Tecidos Carlos Renaux foram vendidas para Luciano Hang, proprietário das lojas Havan. Hang pretende transformar o espaço, porém mantendo sua tradição. Segundo o projeto, o espaço se transformará no Centro Industrial Renaux - CIR -, ou seja, os galpões serão locados para empresas de qualquer etapa do ramo têxtil, preservando seu uso original mas inserindo-o novamente na economia da cidade.

A atividade têxtil permanece forte porção da economia da cidade, porém o modelo empresarial de grandes indústrias não permaneceu na dinâmica globalizada do século 21. As grandes empresas que um dia impulsionaram o crescimento da cidade atualmente não existem, dando vez principalmente a terceirização das etapas constitutivas do produto de moda.

Os projetos de reforma e restauração dos galpões da Renaux já estão em andamento e espera-se conclusão das obras até o final do presente ano.



Prédios da fábrica Renaux, 2018.
Fonte: Brusque Memória.

A FÁBRICA

SEU ESPAÇO FÍSICO E RELAÇÃO COM A CIDADE

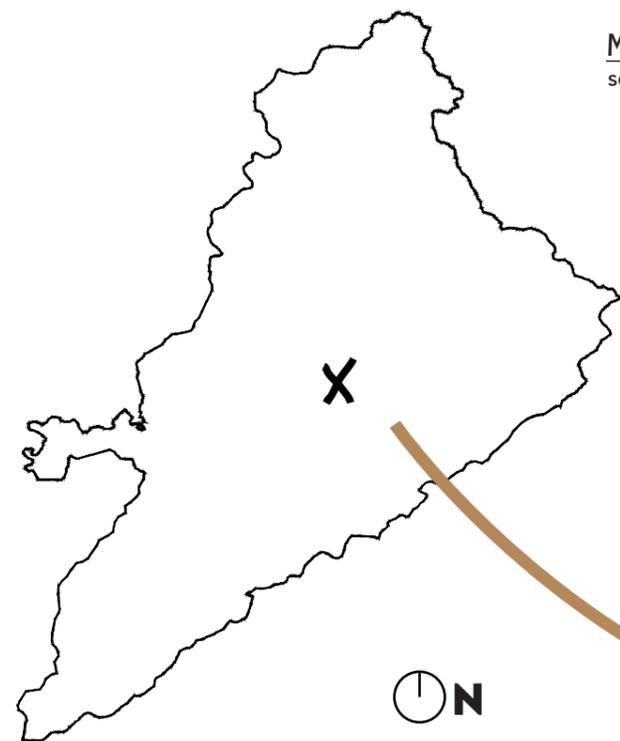
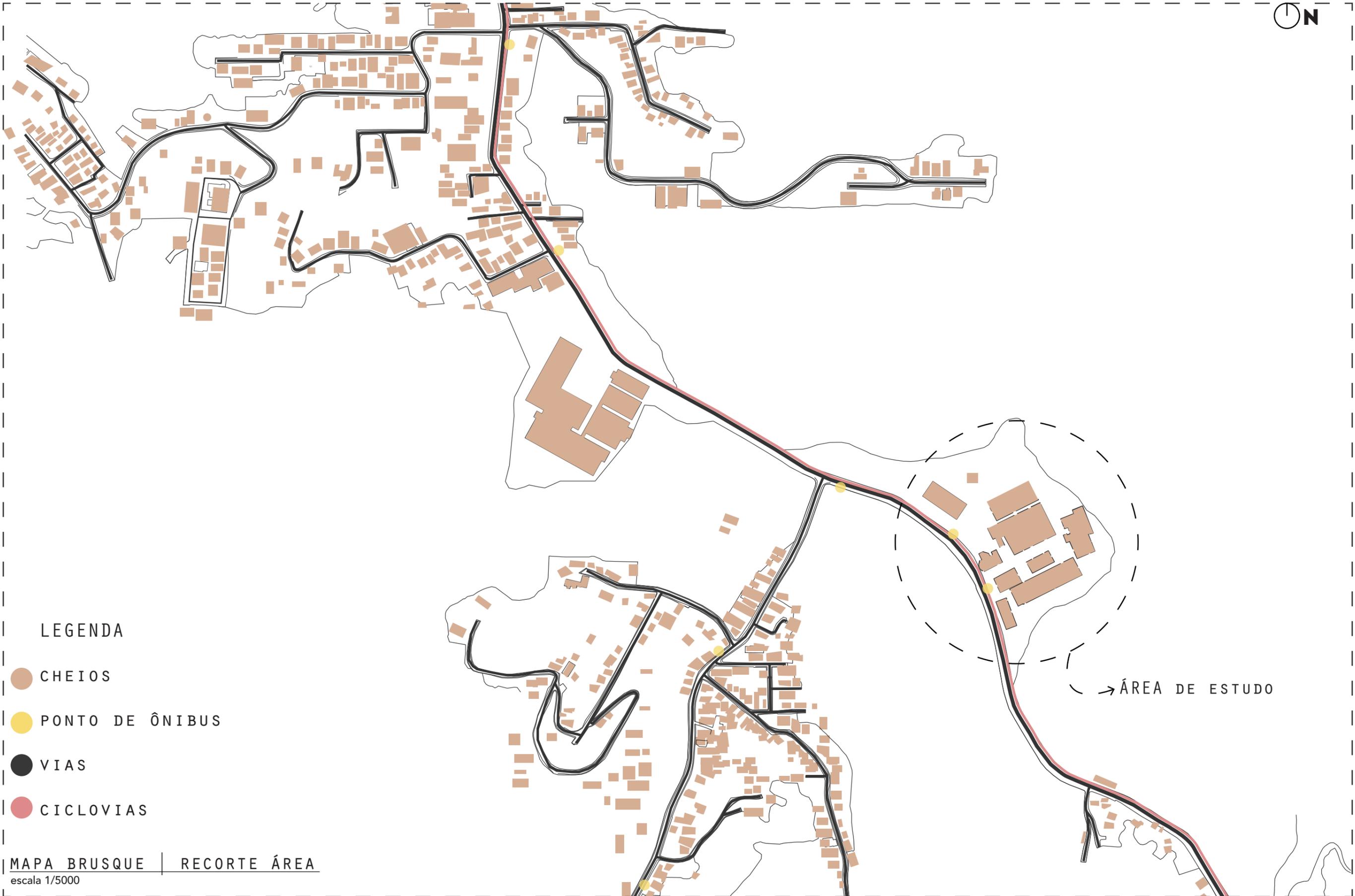


FOTO AÉREA FÁBRICA

sem escala

Fonte: Google Maps





LEGENDA

- CHEIOS
- PONTO DE ÔNIBUS
- VIAS
- CICLOVIAS

MAPA BRUSQUE | RECORTE ÁREA
escala 1/5000

→ ÁREA DE ESTUDO

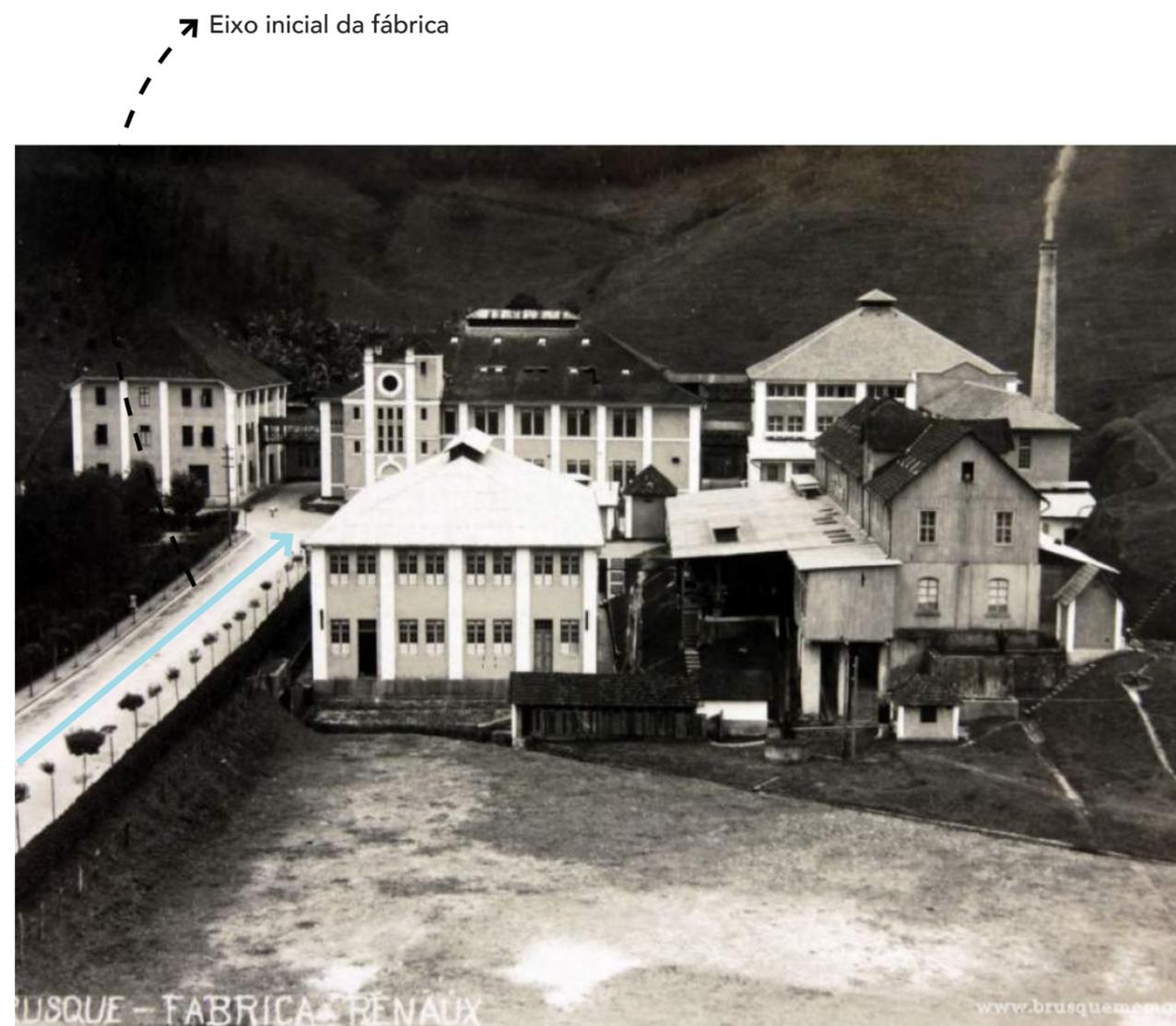
Além da história da fábrica que foi de demasiada importância para os habitantes da cidade de Brusque, a arquitetura do complexo chama a atenção dos passantes da Avenida Primeiro de Maio.

Marcada por uma arquitetura eclética com predominância de elementos Art Déco idealizadas pelo arquiteto Simão Gramlich, os galpões contruídos na década de 30 aproximadamente são todos pintados com tinta à base de barro que lhes confere a coloração alaranjada.



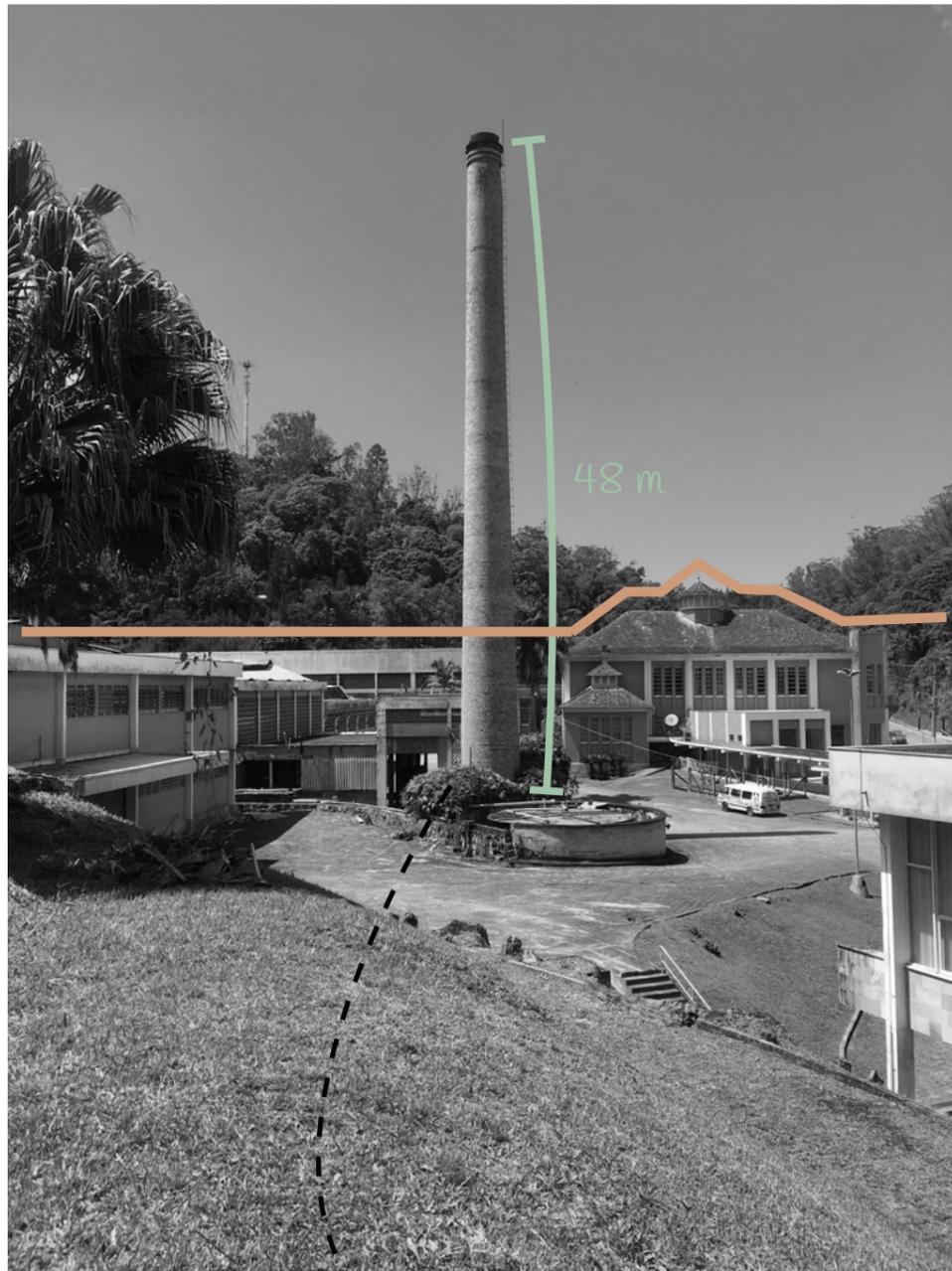
Vista da fábrica, por volta do ano 1920.
Fonte: Brusque Memória.

→ Parque fabril cercado por jardins, pastos e vegetação.



Eixo inicial fábrica, por volta do ano 1915.
Fonte: Brusque Memória.

↗ Eixo inicial da fábrica



Pátio da fábrica Renault, 2017.
Fonte: Arquivo pessoal.

Chaminé de 48m que sobressai o gabarito do entorno.



Galpões construídos no estilo shed para absorver o máximo de luz solar e ventilação natural.

Antigo galpão de finalização, 2017.
Fonte: Arquivo pessoal.



Villa Ida, 1928.
Fonte: Brusque Memória.

Villa Ida, cenário de um crime que abalou a comunidade brusquense no ano de 1949, mistério que permanece até hoje sem resposta e que motiva livros e peças teatrais.



Villa Goucky, que atualmente está em processo judicial para decidir sua propriedade.
Arquiteto Eugen Rombach, década de 30.

Villa Goucky, 1932.
Fonte: Brusque Memória.

Os casarões também foram elementos fundamentais para o complexo fabril, moradia dos grandes chefes, essas casas levavam os nomes de suas senhoras.

Poucos restaram após a mudança da dinâmica de viver na fábrica, os dois que ainda existem estão em discussão de como proceder com sua preservação.

"(...) esses palácios são o espelho de nossa sociedade. Eles pretendem à nossa representação, à nossa bem fundada sociedade anônima (...)".

(MOSIMANN, 2006)



PROPOSTA

Após analisar a importância da cidade enquanto espaço coletivo e diverso e também do objeto de estudo para a cidade em que está inserido, abriu-se o questionamento de qual uso o colocaria novamente na economia da cidade, de qual emprego dar ao objeto obsoleto.

A fábrica veio de uma longa tradição têxtil com não só o nome, mas um parque fabril de muita força na cidade e que pede por uma intervenção que traga retorno à essa comunidade. Dois pontos foram preliminares: a sua abertura para o público como um espaço urbano acessível e de qualidade e, também, sua reinserção na economia porém preservando sua memória têxtil. Além do mais, os cuidados acerca da preservação patrimonial deveriam nortear toda e qualquer intervenção a ser feita no local de forma a manter sua integridade.

Brusque é uma cidade que, devido ao seu histórico, permanece um local com alta produtividade têxtil, seja de ensino, criação ou comercialização. Entretanto, a dinâmica mudou, as grandes fábricas que monopolizavam o mercado faliram, seja por má administração ou por não conseguir competir com o mercado importador, e então deram vez às fábricas de menor escala. A terceirização do setor e a modernização da produção tornaram alguns desses parques fabris enormes obsoletos. Apesar de ainda permanecerem algumas grandes empresas ativamente, a questão da qual este trabalho se atém é o que fazer com os remanescentes desses parques obsoletos devido à falência.

De forma a manter a memória de seu antigo uso, foi pensado de que maneira a moda é vista e produzida atualmente, não só na cidade, mas no todo, com o objetivo de tornar o parque um produtor têxtil em uma situação mais pública, mais acessível e mais contemporânea. Entretanto, dado sua escala, relegar apenas um uso ao local seria superestimar a capacidade do uso e, também, o tamanho do parque fabril.

O local deve ser utilizado como um todo, empregar-lhe todas as partes, preservando sua memória física e subjetiva, abrindo-a a cidade como anteriormente já foi, repensar sua linha produtiva fordista em um novo mecanismo e, além disso, promover sua sustentabilidade não só na preservação do seu parque mas também em seu uso interno. Abarcar todas as etapas da criação de um produto de moda até seu ponto final, repensando o seu descarte ou retorno. Além disso, integrar também outros públicos de forma a criar uma dinâmica que não se limite à horários de trabalho, mas sim de lazer e serviços.

A proposta visa criar um ciclo produtivo próprio no interior desses galpões, ou seja, abranger todas as etapas de um produto de moda, incitando a indústria criativa. Focar no protótipo, na criação, fazer desse local novamente um local inovador - como anteriormente já foi - e dar as possibilidades para se criar esse produto desde sua concepção até o seu retorno. O local funcionaria com cursos específicos, como apoio para as faculdades e cursos técnicos de moda já existentes na cidade, e também como incubadora de novas empresas e fomentador das já existentes. Um processo simbiótico entre a indústria criativa e também a comunidade, visto que, para tornar viável a utilização desse espaço, seriam implantados alguns serviços junto aos galpões. O propósito deixa de ser apenas um local de trabalho para ser também um local de convivência.

Visando incentivar as primeiras etapas não do produto em si, mas da produção como um todo, o ensino é proposto como a base da linha. Aprender não só com o molde tradicional de ensino, mas também com toda a história que o local proporciona.

Esse uso se dá com espaço físico passível de reserva para cursos independentes, há também salas de aula, espaço para palestras e cursos práticos. Sejam eles espaços de apoio para os cursos de faculdades locais ou proporcionados pela entidade mantenedora. Além disso, uma biblioteca e o museu da tradição têxtil a ser implantado na Villa Ida fariam parte do aprendizado tradicional e memorial.

O local que anteriormente foi precursor na criação de fios e tecidos remonta seus tempos áureos em uma nova busca pela inovação. A proposta, como dita anteriormente, foca não no produto em larga escala mas sim na prototipagem de novas ideias, na criação de novos produtos e meios de fazer moda. A fábrica é recriada de forma a empregar essa nova maneira do fazer de uma forma menos fabril e mais colaborativa.

A disponibilização de ateliês, coworkings e espaços criativos horizontais que possibilitem a criação e compartilhamento de produtos e meios de produzir. Além disso, salas particulares são disponibilizadas para empresas que desejam se instalar no local e convidadas a se inserir nessa dinâmica de produção colaborativa, ou seja, servir de fomentadores dessas novas criações. Empresas que busquem um espaço amplo e criativo porém rico em tradição memorial.

A última etapa do ciclo, o retorno, traz a intenção da sustentabilidade não só na preservação do espaço físico mas também de todas as sobras, sejam de materiais ou de produções.

A insustentabilidade tanto da construção civil como da produção de moda é repensada na preservação do patrimônio e também no destino dado às sobras de material. Um dos galpões propõe-se à encontrar esse destino.

Com o intuito de executar o protótipo do começo ao fim, aliado com a dimensão que o parque fabril possui, utilizar-se de uma de suas partes como meio para esse fim se torna viável.

A implantação de um FABLAB têxtil dentro de um dos maiores galpões tornaria possível a prototipagem de produtos. Ou seja, todo o maquinário necessário para a produção dos produtos criados em pequena escala, com todo o conhecimento adquirido nas etapas anteriores.

A próxima etapa, aquela em que o produto deixa de ser protótipo para virar um bem passível de execução em larga escala. A fábrica apresenta por meio da etapa anterior e permite a venda através da manutenção da loja que já existia no local. O galpão loja que antes servia para vender os tecidos produzidos agora suporta toda a produção do local. A rotatividade de produtos promove a novidade constante vista em seu interior.

A proposta não se limita apenas a concepção e criação de produtos, mas também a sua apresentação seja com possibilidade de venda ou apenas como amostra de ideias. Espaços para exposições são espalhados por todo o complexo, além de espaços flexíveis, e assim, dinâmicos para a realização de feiras e eventos.





LEGENDA

- A . biblioteca + salas + alimentação + bwc
- B . museu
- C . salas + alimentação + bwc
- D . salas + ateliês + alimentação + bwc
- E . ateliês + sala
- F . alimentação + bwc
- G . loja
- H . exposição
- I . fablab + ateliês + bwc
- J . oficina de descarte + bwc

Além do ciclo, são previstos galpões de apoio, ou seja, espaços destinados à alimentação, permanência, lazer e recreação, para que o espaço fabril não seja mais olhado como um espaço fechado mas sim um espaço urbano de qualidade. Todas as empresas a se colocarem no complexo, seja alugando salas para sua instalação ou as do gênero alimentício e de serviços trariam parte do retorno financeiro à entidade mantenedora. A proposta é que essa seja uma colaboração público-privada para que o espaço seja viável e com caráter de vivência pública.

Logo, a proposta geral visa englobar as esferas de desenvolvimento urbano, social, cultural e ecológico em menor e maior escala. Promover mudanças que não interfiram no patrimônio edificado, mantendo o respeito pela arquitetura existente e sem negar seu passado em detrimento de estruturas modernas. Utilizar-se da história como estimulador.

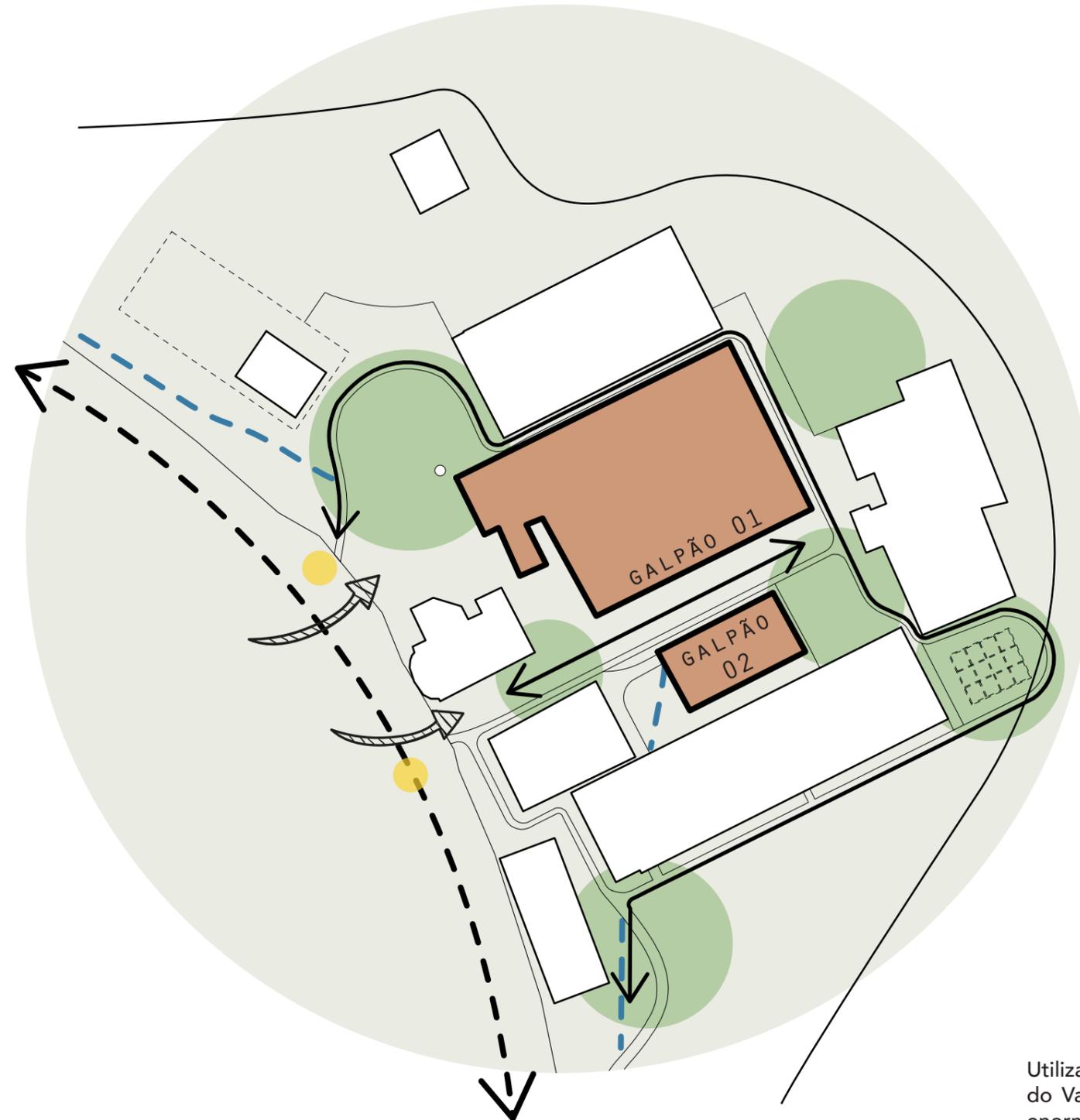
Em resumo, o projeto preserva a memória da indústria têxtil criada por Carlos Renaux, mas ressignificando-a de forma a participar de forma mais ativa da economia brusquense através do ensino e produção de moda em todas as suas vertentes. Além de retomar a vivência que existia nos primórdios da fábrica com as Familienhaus e antigas "vendas" - locais de comércio alimentício e de serviços voltados para os funcionários da fábrica -, através da permanência em seu espaço urbano.

Visto a dimensão de seu parque fabril, admitir que essa mudança se daria de uma hora para a outra é um pensamento utópico. A proposta parte da ideia de iniciar com um núcleo gerador que irá reger alterações futuras, funcionando como um estimulador para as próximas inserções a serem executadas. Há um primeiro desenho e são delineadas as primeiras intenções porém é a partir desse núcleo e das demandas que surgirem que o projeto irá se desenvolver.

O primeiro passo de inserção seria a abertura e requalificação do espaço urbano, ligando pontos de interesse de espaços verdes de forma a abraçar todas as edificações em um percurso acessível para que seja implícita a possibilidade de se caminhar pelo todo. Além de proporcionar grandes praças para eventos públicos da cidade como atrativo, o espaço urbano se torna um espaço agradável para permanência.

Um segundo momento seria o projeto de dois galpões no coração do parque fabril, dois dos galpões mais antigos, mas que também pela sua localização no todo seriam um bom motivador de reforma nos galpões adjacentes, além de incentivar a entrada de pessoas no complexo.

MAPA ESQUEMA
escala 1/1500



- LEGENDA
- PONTO DE ÔNIBUS
 - PRIMEIRA ETAPA DE INSERÇÃO
 - ÁREAS DE INTERESSE
 - RIO

Utilizando de exemplo o projeto de requalificação do Vale do Ruhr, na Alemanha, que, apesar de enorme diferença de escala, foi da mesma forma proposta para que sua fase inicial sirva de motriz para as inserções posteriores. Uma proposta base norteia mas o projeto não permanece estático, essa é a ideia do projeto apresentado. A readequação constante para que o espaço permaneça participante ativo na cidade através dos tempos.



ESPAÇO URBANO

Com a intenção de integrar o espaço da fábrica com o espaço urbano da cidade de forma a proporcionar uma continuidade, a Avenida Primeiro de Maio - que dá acesso ao local - foi qualificada em toda a extensão pertencente à fábrica, criando uma calçada mais ampla, arborizada e preservando a linha natural do rio que a ladeia.

Da fábrica foram retirados os portões e cercas para torná-la com maior caráter de praça. As entradas ampliadas e melhor demarcadas, tanto a da que chamo de rua principal como a da praça principal. Esse eixo principal é fortalecido não só em sua linearidade mas também em sua relação com os galpões que viram extensões de si. Os espaços de interesse - enumerados a seguir - foram conectados de forma a criar um percurso e suscitar o passeio e esses mesmos espaços dispostos de forma a gerar diferentes usos. A rua, espaço estruturante da fábrica em seus primórdios, foi reforçado, e a vegetação voltou a fazer parte do parque fabril.

Dentre os pontos de interesse desse espaço urbano foram seis os escolhidos para conexão:

1. A praça seca, atualmente estacionamento e entrada de caminhões, servirá de espaço para feiras, eventos ao ar livre, eventuais exposições ou de permanência.

2. A rua principal recebe novamente sua importância inicial de entrada e conexão com seu eixo reforçado e proporcionando a ligação entre a maioria dos galpões, um boulevard é recriado.

3. O nó de retorno à rua é onde a fábrica termina e o caminho retorna à calçada. Transição fábrica-cidade preservando a mata ciliar e contornando o rio com uma estrutura elevada que conecte com a calçada da avenida.

4. As estruturas de uma antiga edificação que permanecem elevadas, recebem um espaço com árvores e vegetação frutíferas, criando um espaço simbólico de união da natureza com esse bem inerte.

5. A praça da cantina é o espaço em que está prevista a maior permanência. Visto sua conectividade com diversos galpões, essa praça é a que possuirá maior quantidade de mobiliário, e também será de serventia para o galpão de alimentação do qual é vizinho.

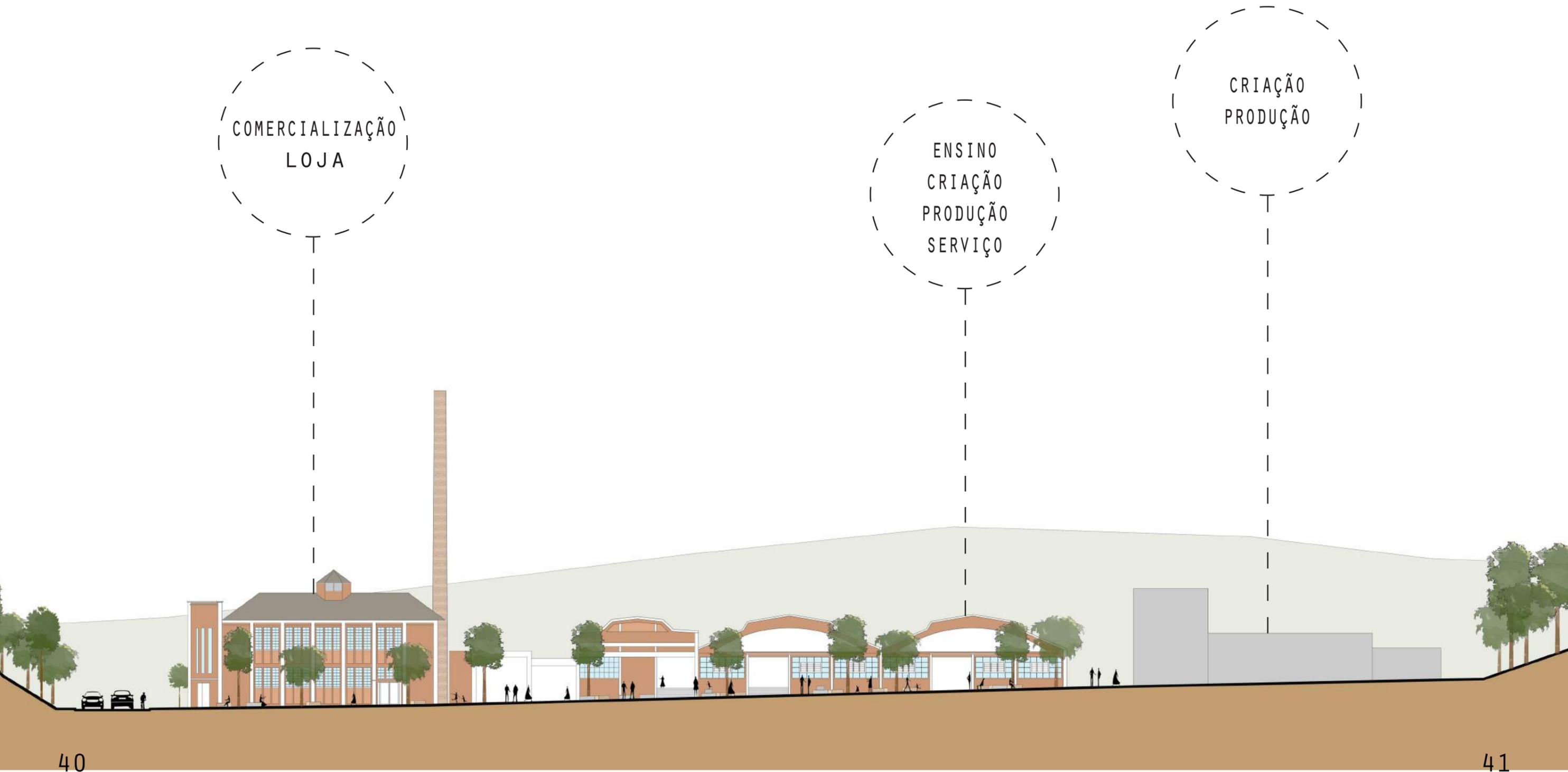
6. Por último, um respiro entre fábrica e morro recebe a área infantil onde vegetação e relevo juntos conformam um espaço lúdico, outro espaço a ser incentivador do uso do complexo.

Todos esses espaços conectados formam a dimensão urbana que permite às pessoas vagarem e permanecerem nesse espaço, seja para se apropriar de seu espaço físico ou de seu caráter memorial. A requalificação de seus espaços abertos serve de apoio para a proposta de uso sem se impor sobre ela.



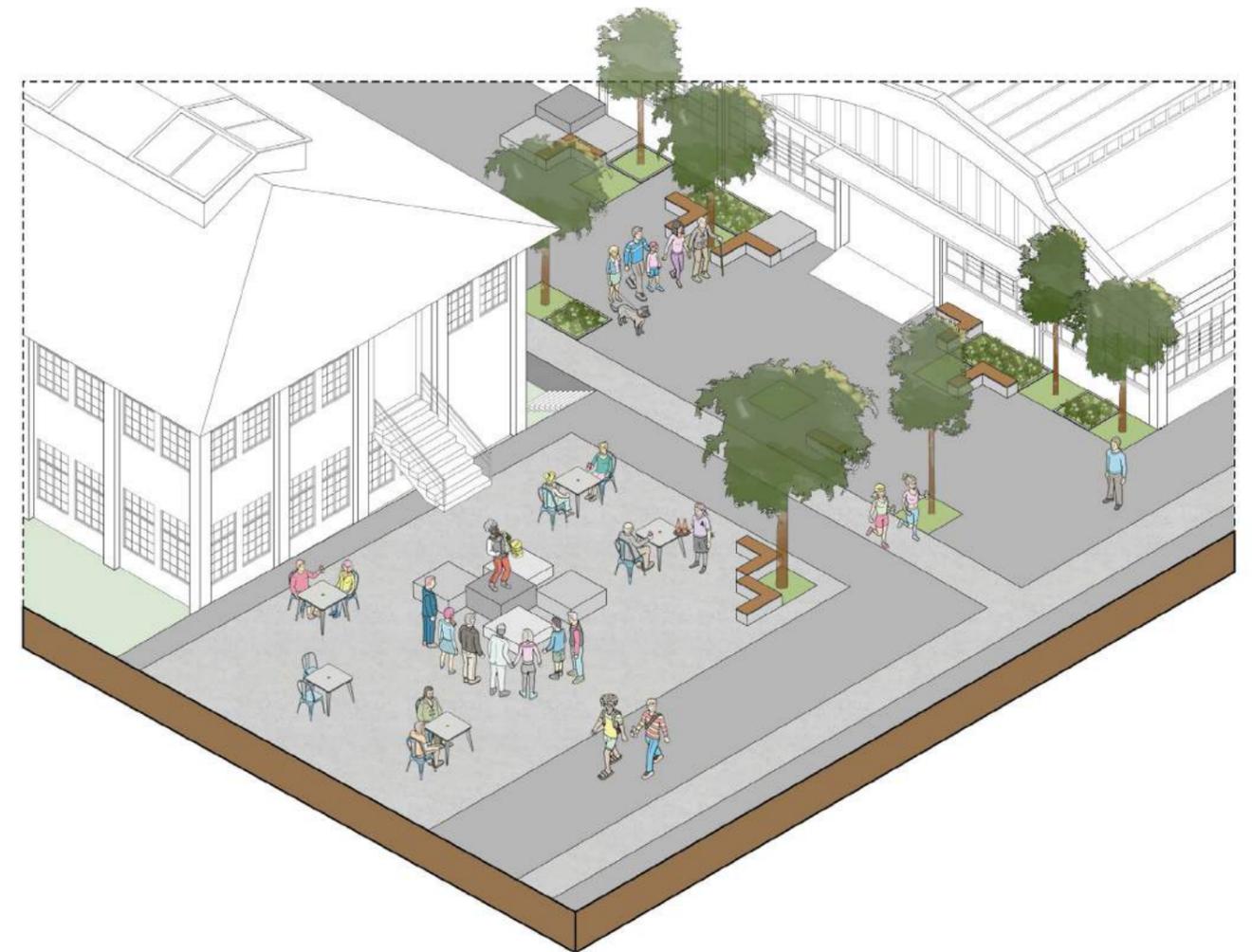
LEGENDA

- 1. PRAÇA SECA
- 2. EIXO PRINCIPAL
- 3. NÓ DE RETORNO À RUA
- 4. ESCOMBROS
- 5. PRAÇA CANTINA
- 6. ÁREA INFANTIL





ISOMÉTRICA ENTRADAS
sem escala



ISOMÉTRICA PRAÇA CANTINA
sem escala

PATRIMÔNIO EDIFICADO

OS GALPÕES

O primeiro galpão selecionado foi um dos maiores e mais ao centro da fábrica, onde anteriormente funcionava a fiação sede. A estrutura em concreto pré-moldado e com grande área livre torna qualquer intervenção em si, fácil. Entretanto, a intervenção deve ser comedida de forma a não prejudicar o valor arquitetônico de sua estrutura com vigas vazadas e grande pé-direito.

O ambiente possui muita iluminação natural por suas janelas e também por aberturas na cobertura. A ventilação se dá por essas mesmas aberturas. O galpão é um dos principais conectores dos espaços abertos contidos no projeto, fazendo com que seus corredores internos tornem-se por vezes a união entre praças e pontos de interesse.

Visto sua dimensão e também por ser o primeiro em receber a proposta, o galpão acabou por abarcar não somente um uso, mas a reunião de alguns que seriam precursores posteriores: um coworking, com espaços de ateliê e trabalhos, salas privadas para locação tanto para reuniões como para aulas, salas maiores a serem locadas por pequenas empresas, um café interno para suprir o consumo local e por fim, uma arquibancada com o térreo em frente livre para palestras e apresentações. Esse galpão multiuso se pretende à ser uma amostra, o ensino, criação, produção e apresentação em menor escala que sirvam de exemplo a ser replicado no todo.

Dois eixos de circulação principais são reforçados ligando o galpão nos sentidos horizontal e vertical e mimetizam a rua externa através da presença de vegetação, linearidade e mobiliário.

Para criar uma sensação de movimento e retirar a grandiosidade imposta pelo pé-direito do galpão, criou-se mezaninos com estruturas metálicas totalmente independentes da estrutura existente. Esses mezaninos pretendem criar novas ambiências porém sem interferir demasiadamente no visual e físico do espaço existente. Além disso, todas as divisórias de compartimentos internos - exceto os banheiros - se dão em paredes de vidro para reforçar a dinâmica entre as ações e também preservar a abertura do espaço.

Outra estrutura criada foi o bloco de banheiros, dois blocos em paredes de gesso acartonado revestido com pintura acrílica são inseridos nos dois extremos do galpão suprimindo a necessidade por banheiro não só interna mas também do público utilizando o espaço externo.

Uma caixa d'água foi inserida acima da cobertura (ver planta de hidráulico), e toda a tubulação é aparente seguindo as paredes na parte aos fundos da edificação. O mesmo acontece com a parte elétrica, todo o circuito elétrico é aparente e acontece por meio de perfilados metálicos.

O segundo galpão proposto, o antigo almoxarifado, também é um dos galpões mais ao centro e juntos eles conformam o miolo do parque fabril. Esse ambiente tem uma dimensão menor que seu vizinho e por isso se pretende à um uso específico, definido aqui como cantina. Com uma estrutura mista de concreto e madeira; e telhado duas águas com topo elevado para iluminação natural, o galpão possui uma estrutura digna de inserções cautelosas para não danificar estes pontos fortes.

O primeiro piso é a parte de alimentação com três possibilidades de cozinha e atendimento para uma praça de alimentação coletiva. O segundo andar conectado pela inserção de uma escada e um elevador hidráulico, possui a parte mais boêmia do complexo. Um bar central serve as mesas em seu entorno e também a parte exterior do galpão, a praça anteriormente citada.

Também com tubulações aparentes, o suprimento hidráulico vem do galpão adjacente que contará com caixa d'água em sua cobertura. O elétrico segue o caminho das vigas também com o perfilado metálico e iluminações que pendem deste. As tubulações buscam seguir o caminho da estrutura existente para minimizar o impacto visual.

Esse segundo galpão fornece um uso voltado principalmente à comunidade e aos que utilizam esse espaço urbano, gerando não só mais um espaço de qualidade na cidade, mas também um incentivo a adentrar o parque fabril.

Os dois galpões em conjunto proporcionam um primeiro passo para a inserção do projeto e à retomada da fábrica à economia da cidade, contrapondo o projeto atualmente em execução no local pelo seu atual dono, Luciano Hang.

MAPA PROPOSTA

sem escala

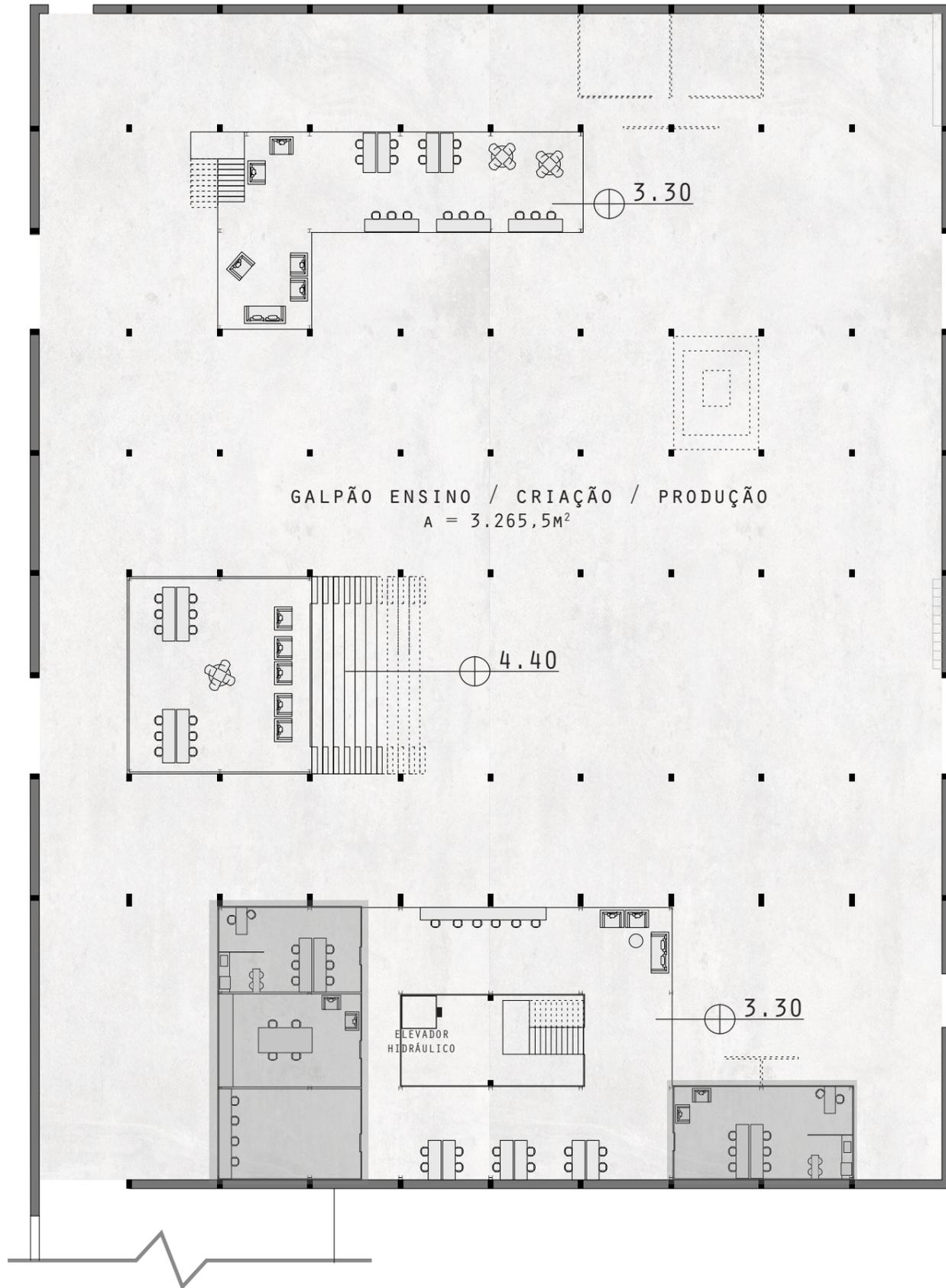


Galpão de inserção 01, antiga fiação sede.
Fonte: Brusque Memória.



Galpão de inserção 02, antigo almoxarifado.
Fonte: Arquivo pessoal.





PLANTA BAIXA GALPÕES | SEGUNDO PISO
escala 1/300



GALPÃO 01

GALPÃO 02



0.65

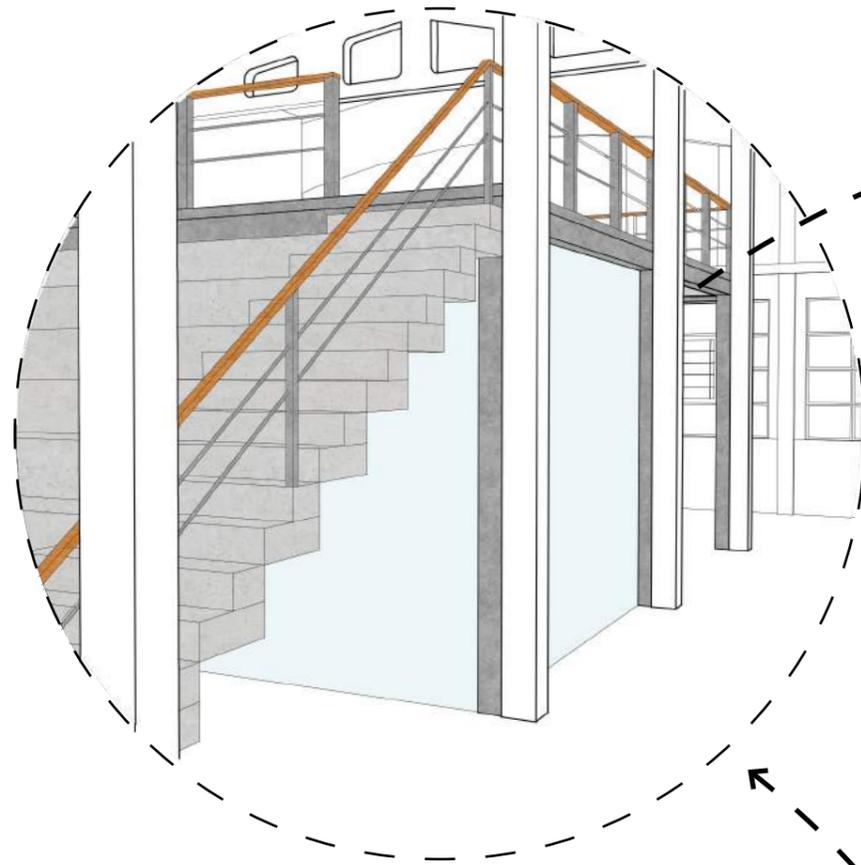
1.80

0.65

CORTE B - B'
escala 1/250

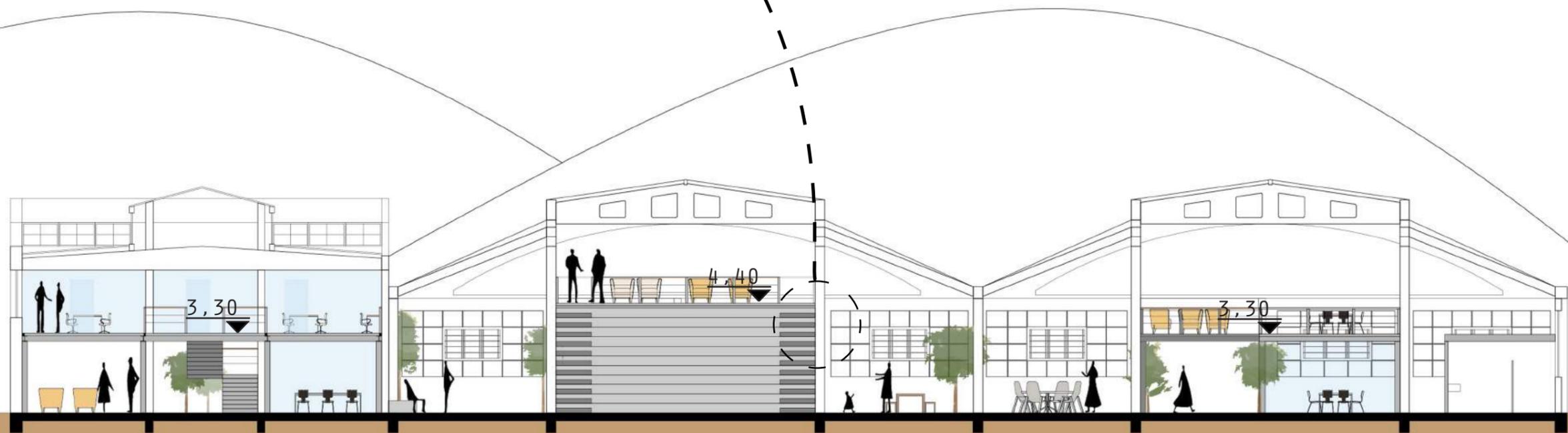
50

51

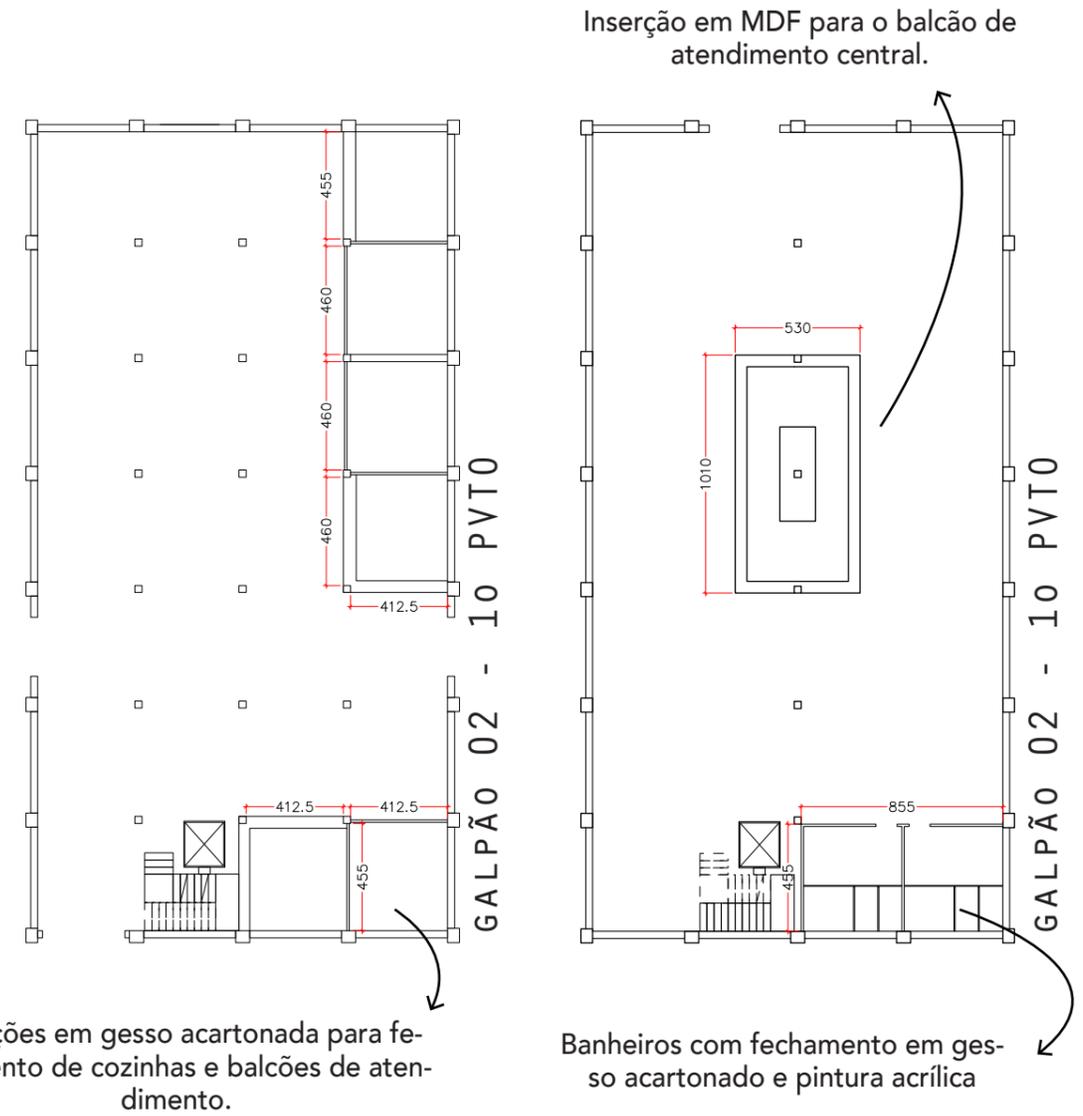
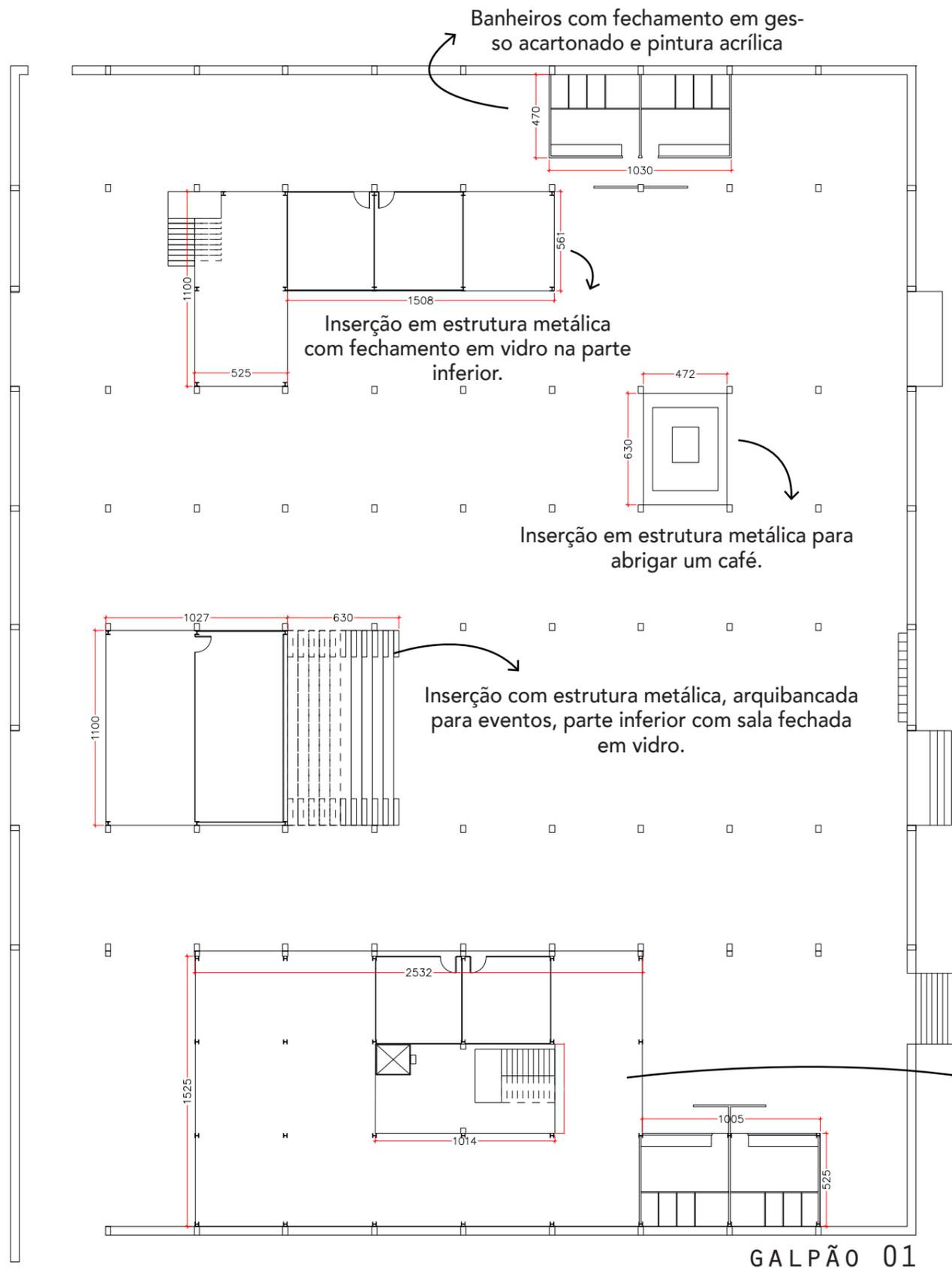


Estrutura metálica para a inserção de forma a contrastar com a estrutura em concreto existente.
Parte inferior em fechamento de vidro.

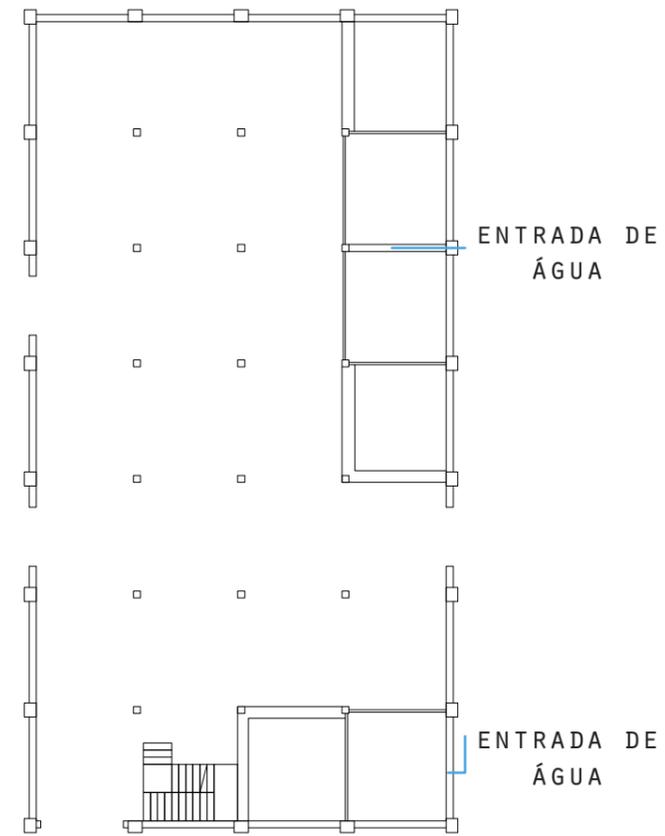
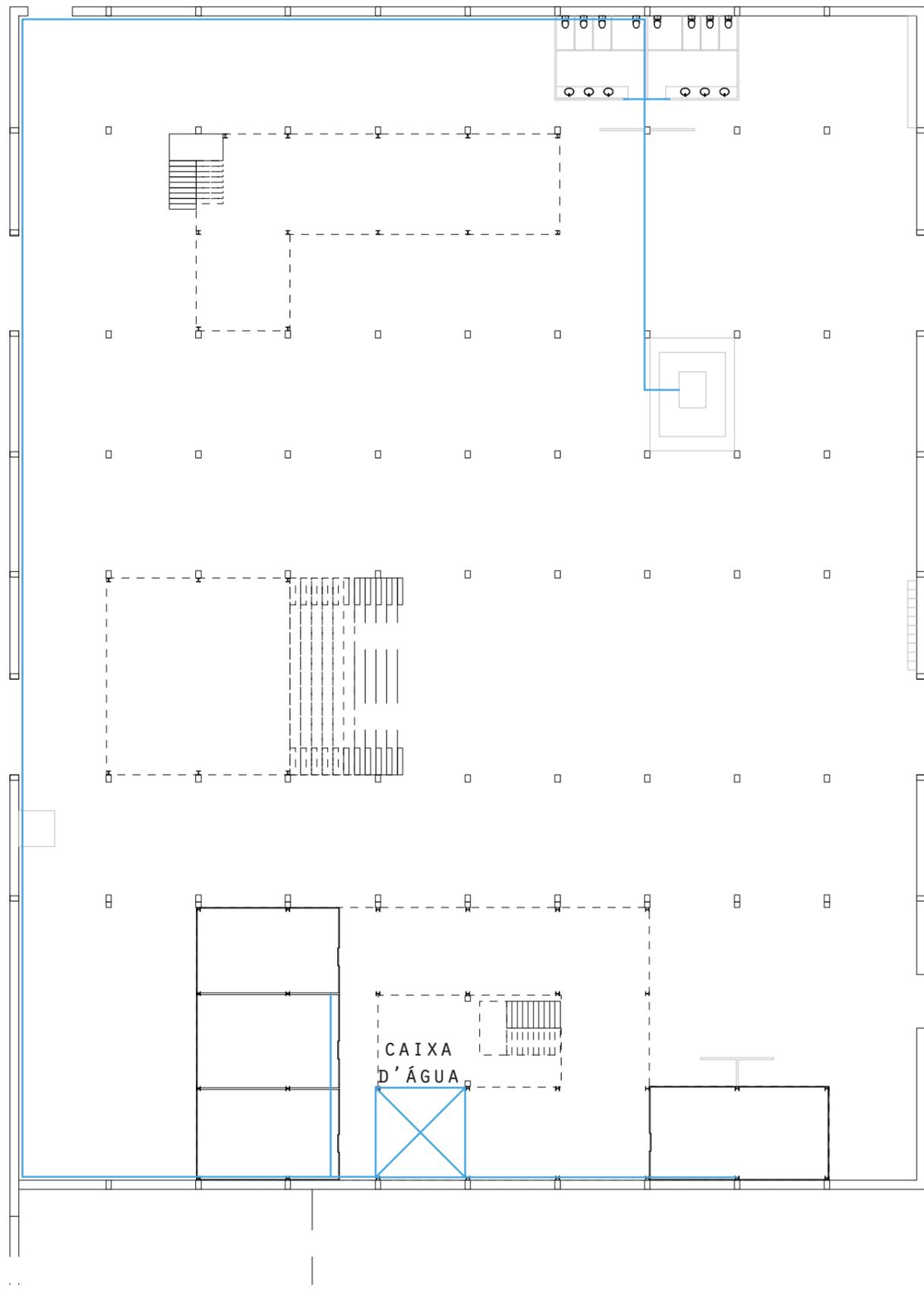
DETALHE ARQUIBANCADA
sem escala



CORTE C-C'
escala 1/200



Inserção com estrutura metálica, vão central com circulação vertical. Banheiro na parte inferior.



PLANTA HIDRÁULICO
escala 1/300





A proposta apresentada vem como uma das inúmeras possibilidades que não só esse patrimônio mas todos os diversos outros espalhados pela cidade possuem. A intenção por meio desse projeto é abrir esse olhar e, quem sabe, alterar a mentalidade da não preservação que há na cidade. Cito aqui um parágrafo de um artigo publicado no principal jornal da cidade:

“A primeira grande questão que se apresenta é se Brusque quer ter, realmente, um patrimônio histórico. Apesar de termos um “sim” como resposta óbvia, um setor da sociedade acredita que o “não” é mais adequado. Esse “não” é externado, além de palavras, pelas ações como as demolições que já aconteceram e acontecem em nossa cidade.

A lógica das demolições é a grande valorização imobiliária que estes casarões tiveram nos últimos anos. Eles saem para dar lugares a galpões, prédios e salas comerciais, que são muito mais vantajosos economicamente do que sua manutenção”. (O MUNICÍPIO, 2018).

Logo, mostrar esse novo olhar sobre lugares que aparentemente já cumpriram seu papel na cidade vem como uma tentativa de preservar o pouco das inúmeras edificações exemplares que ainda permanecem de pé. Mostrar a rentabilidade que elas voltariam a ter se nelas forem inseridas propostas que enalteçam sua história e sua arquitetura. Demonstrar a cidade complexa que preserva e se apropria de todos os momentos de sua história.

REFERÊNCIAS

- CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.
- CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- RENAUX, Maria Luiza. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí: O modelo catarinense de desenvolvimento**. Florianópolis: Instituto Carl Hoepcke, 2010.
- CHOAY, Françoise. **O patrimônio em questão: Antologia para um combate**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.
- MOSIMANN, João Carlos. **Tragédia e Mistério na Villa Renaux**. Florianópolis: Reimpressão, 2006.
- MÜNSTERMANN, Marius. **O que será do terreno RAW**. Disponível em: <<https://www.zitty.de/weichenstellung-am-raw-gelaende/>>. Acesso em: 02 jul. 2018.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. **Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/algumas_questoes_relativas_ao_patrimonio.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2018.
- TICCIH. **CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL**. Disponível em: <<http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2018.
- ARTEMEL, Aj. **Como o escritório RAAAF está redefinindo a preservação do patrimônio histórico**. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/804363/como-o-escritorio-raaaf-esta-redefinindo-a-preservacao-do-patrimonio-historico>>. Acesso em: 03 jul. 2018.
- GALRÃO, Inês Filipa das Neves. **Diálogo entre memória e contemporaneidade**. 2013. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Arquitetônicos, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/358440221/DISSERTACAO-Dialogo-Entre-Memoria-e-Contemporaneidade-Uma-Proposta-de-Reconversao-Do-Convento-e-Fabrica-de-Sao-Paulo>>. Acesso em: 28 jun. 2018.
- CAPUTE, Bernardo Nogueira. **Sustentabilidade e patrimônio cultural urbano: indicadores**. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/787693/sustentabilidade-e-patrimonio-cultural-urbano-indicadores-bernardo-nogueira-capute>>. Acesso em: 28 jun. 2018.
- KÜHL, Betriz Mugayar. **Patrimônio industrial: algumas questões em aberto**. Disponível em: <http://www.usjt.br/arq.urb/numero_03/3arqurb3-beatriz.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2018.
- FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. **Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória**. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/43/23>>. Acesso em: 28 jun. 2018.
- CASTELLO, Lineu. **Da sustentabilidade da subjetividade: o projeto IBA Emscher Park**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/636>>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- O MUNICÍPIO: Queremos ter patrimônio histórico?**. Brusque, 29 jun. 2018.
- IMAGENS: DESIGN, P1. **Brusque Memória**. Disponível em: <<https://www.brusquememoria.com.br/site>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

“Quando construímos, pensamos que construímos para a eternidade, que não é somente pelo prazer do momento, nem somente para o uso imediato”.

John Ruskin